

REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE TRANSEXUAL

Bruna Sanchez MORENO

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Machado Maher

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar como se manifestam as construções identitárias de um indivíduo transexual, na e pela sociedade contemporânea, de modo a contribuir para reflexões a respeito da questão da diversidade no ensino brasileiro. Como corpora, o trabalho conta com uma entrevista transcrita com uma transexual e quatro textos disponibilizados na internet no ano de 2008.

Palavras-chave: 1. Linguística Aplicada, 2. Identidade, 3. Discurso, 4. Ensino, 5. Transexualidade.

Introdução

Todas as sociedades ocidentais possuem um modelo hegemônico para a noção do que é ser homem e do que é ser mulher, e ele é, quase sempre, alinhado ao pensamento biológico de um corpo identificado como macho ou fêmea. Desta maneira, conceitos como *sexo* e *gênero* (e por, conseqüência, *sexualidade*) são equiparados e acabam por se tornar “indistinguíveis” um do outro, necessariamente unidos na definição do que é largamente compreendido por “normalidade”. Sabendo-se diferenciá-los, talvez tal compreensão fosse outra.

Sexo não passa, realmente, da classificação anatômico-biológica de um corpo. A idéia de gênero, no entanto, vai mais além: é o desenvolvimento e a lapidação do caráter sócio-cultural que diferencia homens e mulheres. Sexo é, salvo intervenções, imutável e sólido; gênero é modificável, provisório, dependente da construção de um dado meio social e cultural.

Do mesmo modo que gênero, o conceito de sexualidade não se define somente pela questão biológica de reprodução da espécie. Sendo a sexualidade o direcionamento do desejo e do prazer sexual (como se pode facilmente depreender de outro termo, *orientação sexual*), é óbvio que depende essencialmente da construção de relações sociais, envolvidas com pensamentos, crenças, atitudes e condutas.

Estes três critérios coexistem dentro de um único indivíduo. Para melhor organizar essas concepções, pode-se esquematizá-las através do quadro proposto por Cardoso (2005) com base nos estudos de Money (1988, apud Cardoso):

SEXO	SEXUALIDADE	GÊNERO
Macho / fêmea / intersexuado	Heterossexual / homossexual / bissexual	Masculino / feminino / andrógino

Além disso, Cardoso, igualmente apoiado nas ideias de Money, também expõe seu conceito de **identidade de gênero/papel (IG/P)**, que “enseja a consciência pessoal e a convicção do indivíduo a respeito do sexo ao qual acredita pertencer” (CARDOSO, 2005, p. 421). Novamente, impossível considerar essa noção do ponto de vista puramente biológico. Sentir-se homem ou mulher é, indubitavelmente, uma questão de fórum íntimo a cada sujeito: depende de seus julgamentos, valores e modos de pensar. Porém, estes últimos não escapam da influência externa. A identidade funciona em um movimento dialético, em que somente se dá sentidos às próprias representações a partir de outras: “a identidade é relacional” (WOODWARD, 2000, p. 09) e, portanto, está ligada fortemente ao histórico de experiências e às relações sociais do indivíduo.

Inversão do papel de gênero

A premissa teórica de que não há, necessariamente, equivalência entre uma dada identidade de gênero e e uma dada configuração biológica, nos leva a compreender a existência de conflitos em que existe certa insatisfação em relação ao sexo anatômico do sujeito e à sua identificação ao sexo oposto, com conseqüente manifestação de traços e maneiras ligados ao outro gênero. A essa discordância dá-se o nome de **inversão do papel de gênero**, e ela poderá ocorrer em diversos estágios, dos mais leves aos mais acentuados, todos muito facilmente confundidos pela sociedade porque envolvem um mesmo comportamento: vestir-se como o gênero do outro sexo. As três categorias mais controversas são *drag queens*, *travestismo* e *transsexualidade*, todas pertencentes ao grupo maior dos *transgêneros*, definidos abaixo ainda segundo Cardoso.

A começar, *drag queens* são homens que adotam o gênero feminino de maneira mais aprimorada e exagerada, por intuito artístico e/ou profissional, somente por algumas horas. *Travestismo*, por sua vez, refere-se basicamente à necessidade de trajar roupas ou acessórios do sexo oposto durante o ato ou fantasia sexual. Por último, a *transsexualidade* ultrapassa o simples trajar de vestimentas e envolve a insatisfação total em relação ao sexo biológico, considerando, por vezes, o órgão sexual como motivo de rejeição, raiva ou embaraço. Existe, assim, maior profundidade no conflito de gênero, que poderá resultar em um possível tratamento hormonal e em uma cirurgia de redesignação sexual. De acordo com Cardoso,

está relacionada a sentimentos e desejos internos de adequar-se fisicamente ao que se é psicologicamente, em geral um forte desejo de pertencer ao outro sexo. Os indivíduos que se enquadram nesse grupo podem ser classificados como operados ou não-operados.

Ou seja, travestir-se, no caso dos transexuais, não é uma simples questão sexual, mas sim emocional, de identificação, de autoperceber-se com uma pessoa do outro sexo. Esta disforia é mais comum em homens do que em mulheres (embora isto não anule a existências destas) e, de acordo com Benjamin (1966), o objeto de escolha sexual do indivíduo transexual não influi no desconforto de gênero: a libido normalmente é baixa, a orientação sexual é indiferente (pode ser desde assexual a bissexual) e, antes da operação de conversão e da terapia de hormônios, o sujeito poderá ter tido envolvimento matrimoniais.

A construção do indivíduo na sociedade¹

Para melhor contemplação deste trabalho, realizou-se uma entrevista com a transexual Maria (pseudônimo).

Maria, 47 anos, formada em Engenharia Elétrica, é casada com uma mulher e tem dois filhos adolescentes. Viveu como homem até há alguns anos, quando finalmente resolveu assumir sua identidade feminina. Para isso, iniciou a estrogenerapia; não pôde completar, por diversos motivos, a operação de conversão. A mudança em sua aparência corporal a forçou a largar seu cargo de engenheira e assumir um emprego autônomo, onde ainda veste roupas masculinas, com medo da discriminação de clientes.

A conversa foi estabelecida via internet, e foram feitas poucas perguntas, com a intenção de que a entrevistada falasse abertamente do que lhe parecesse mais pertinente.

Pesquisadora: *Fale um pouco sobre você.*

Maria: *Eu tentei ser uma pessoa modelada conforme a sociedade queria. Mas não consegui. Isso me dá uma angústia emocional muito forte. É uma insatisfação muito forte. Atualmente, me sinto bem sendo do jeito que sou [...] Eu procuro me modelar de tal maneira que as pessoas não percebam que eu nasci homem: eu procuro me vestir, me trajar e ter hábitos normais como qualquer outra mulher tem. Não quero ser uma pessoa afetada. Quero ser uma mulher normal.*

A partir deste trecho, fica evidente a grande importância que a sociedade tem na auto-percepção da transexual. Atingir a satisfação, para ela, é tornar-se aceitável sob as regras sociais. Existe uma certa auto-discriminação perante a própria imagem (“eu tentei ser [...] mas não consegui”) e total aceitação do paradigma feminino (“eu quero ser uma mulher normal”) – a abordagem de um hipotético grupo de “mulheres normais” da forma com que foi feita reafirma a sua idéia de não fazer parte dele, ou seja, a falante considera-se “anormal” em relação aos estereótipos homem-mulher.

Em outro trecho, em que questões acerca de sua sexualidade veio à tona, este caráter conformista é mais uma vez posto em evidência:

M: *Na minha adolescência, eu tive interesse por meninos e meninas. E quando tive maturidade o suficiente para praticar sexo, eu fiz com uma pessoa do sexo masculino. Mas é indiferente se eu for sair com um homem e com uma mulher. Eu achava que eu devia ter algum tipo de desvio sexual. Quando comecei a me questionar; [...] comecei a sentir um equilíbrio ao ser mulher, não necessariamente por praticar sexo, mas simplesmente por **ser mulher**. Foi aí que descobri minha disforia de gênero. Hoje eu me sinto bem sendo mulher. Eu descobri quem sou. Meu desequilíbrio vem da regra da sociedade, homem de um lado, mulher do outro, homem com esse comportamento, mulher com outro. O que se faz com uma pessoa que não se encaixa em nenhum dos dois extremos? Procura um lado em que se encaixa melhor, e eu me encaixo no lado feminino. Mudei minha profissão para uma em que tanto homem quanto mulher executam a mesma coisa. Diferente, por exemplo, da posição do engenheiro numa fábrica, que é masculina.*

¹ É importante ressaltar que todas as referências ao sujeito se darão no gênero feminino, em conformidade com sua identidade, e não sexo biológico.

A própria entrevistada culpa a sociedade por ter as regras às quais ela precisa se submeter, e se submete, como único meio de satisfação pessoal. Mais uma vez, percebe-se sua angústia e sua auto-imagem como sendo de anormalidade (“uma pessoa que não se encaixa em nenhum dos dois extremos”). A mudança de profissão a que ela se refere ao final do trecho, mais do que frisar sua própria aceitação de estereótipos, evidencia o modo com a sociedade lida com as figuras de gênero: em uma profissão como engenheiro, não é aceitável apresentar traços e comportamentos femininos; é preciso encontrar outro emprego mais flexível neste sentido.

De modo contundente, Maria também se coloca quanto à sua sexualidade, como se essa fora praticamente irrelevante diante de questões de gênero. A aparente indiferença (“é indiferente se eu for sair com um homem ou com uma mulher”), na realidade, mostra a complexidade da problemática: ela ultrapassa a questão do prazer sexual (à qual se dá muita importância na sociedade) e atinge questionamentos íntimos existenciais (“Comecei a sentir um equilíbrio ao ser mulher, não necessariamente por praticar sexo, mas simplesmente por **ser mulher**”).

B: *Você falou antes sobre “pessoa afetada”. O que seria uma pessoa assim?*

M: *Hoje em dia existe um modismo: um modismo sexual, de gay, cross-dresser e drag-queen. [...] A minha situação não é um modismo, [...] Simplesmente, emocionalmente, não me enquadro do outro jeito. Por isso, quando as pessoas me confundem com cross-dresser, com drag queen, com bichinha, eu não me sinto bem. Eu não sou isso. Eu não sou uma pessoa afetada que fica desmunhecando por aí, que quer praticar sexo com homem simplesmente porque é bonito. Sexo pra mim não é importante. [...] gay é sedento por sexo. Não existe coisa mais agressiva do que dois homens com bigode se beijando!*

A confusão que a maioria das pessoas faz entre as categorias dos transgêneros e entre estes e homossexuais é um ponto que visivelmente a incomoda, pois faz questão de destacar as diferenças e apontar os “defeitos” de travestis, *drag queens* e homossexuais masculinos, pejorativamente “bichinhas” em suas palavras. Tal exposição de pensamento revela a) que, mesmo fazendo parte de uma minoria, Maria tem preconceitos, e esses, surpreendentemente, são direcionados a um grupo com o qual se pensaria que ela teria empatia, e b) que, em um possível relacionamento com o parceiro masculino, Maria se enxerga não como homossexual, mas sim como heterossexual (plena identidade feminina).

Os depoimentos ajudam a comprovar o esforço, detectado anteriormente, da transexual em desempenhar um papel de mulher estereotipado (“normal”), em vista da insatisfação gerada pela não-conformidade com o sexo anatômico. Maria, então, por consequência, aceita as regras da sociedade, ao mesmo tempo em que a repudia por ser a responsável por sua auto-avaliação como anormal e por sofrer discriminações.

A construção do indivíduo pela sociedade

A mídia reflete de forma clara a visão da sociedade perante a transexualidade. Aqui, serão analisados alguns artigos e *posts* publicados na internet, além de um fragmento de

² Disponível em http://oglobo.globo.com/rio/mat/2008/04/29/acusacoes_de_travesti_imprensa_internacional_esta_ao_lado_do_jogador_ronaldo-427112426.asp
Acesso dia 10 de outubro de 2008.

um programa televisivo. A começar, discuto uma matéria do jornal eletrônico O Globo², intitulada “Acusações de travesti: imprensa internacional está do lado do jogador Ronaldo”, acerca do escândalo que envolveu o jogador de futebol e três prostitutas. Para fins de análise, segue o trecho:

Rio – A imprensa internacional publicou na manhã desta terça-feira suas primeiras versões sobre a acusação de um **travesti** ao atacante Ronaldo, do Milan. O jogador foi acusado na segunda-feira pelo **travesti** André Luís Ribeiro Albertino, conhecido Andréa Albertino, de não ter pago por um programa feito em um motel na Barra da Tijuca. Ronaldo alegou ter sido vítima de armação montada pelo **travesti**, que teria tentado extorquir R\$ 50 mil do craque, que em todos os sites internacionais é visto como vítima de um golpe. [...]

Na Espanha, o jornal “El Mundo Desportivo” narra a versão de André Luis e cita que o **transexual** estava com o documento, que seria do carro do atacante do Milan [...]

Na Itália, o escândalo envolvendo o jogador do Milan causou indignação em Vladmir Luxúria, ator italiano **transexual** que faz parte da Câmara dos Deputados até as eleições de 13 e 14 de abril deste ano, e é conhecido por defender os direitos da comunidade gay e de transgênero. – É insuportável que todas as vezes em que se descobre que uma pessoa famosa como o jogador Ronaldo foi para a cama com um **transexual**, a pessoa se justifica dizendo tratar-se de um engano – comentou Luxúria – [...] O roteiro da hipocrisia é assim repetido, resultado previsível e, como no caso de Ronaldo, com três **transexuais**, até mesmo paradoxal – completou. (grifos meus)

É visível que o repórter da matéria em questão não é capaz de diferenciar travestis de transexuais, pois a notícia contém em seu título a palavra “travesti”, repetida ainda em seus parágrafos iniciais, e termina com o termo “transexual”, em uma linha de desenvolvimento que leva os leitores a acreditarem que Andréa Albertino é tanto um quanto o outro, como se fossem equivalentes. O desconhecimento é tal que o jornalista se refere sempre a Andréa no masculino (“pelo travesti”, “o transexual”), em alusão ao seu sexo biológico, e não a sua identidade de gênero.

Observa-se que, se ao final da reportagem existe uma declaração de um transexual “de crédito” (de classe social elevada, profissão valorizada e atividade social específica), é de se pensar que a intenção era a de tomá-la como verdadeira; e nesse caso, a referida é, na realidade, **uma transexual, e não uma travesti**, como apontado no início da matéria e em tantas outras que circularam na mídia à época.

Essa situação envolvendo o jogador de futebol Ronaldinho ‘Fenômeno’ gerou um número considerável de reações. Não foram raras, além dos muitos artigos de cunho informativo, piadas e zombarias com o acontecimento, direcionadas especialmente às três transexuais envolvidas. O programa de televisão Pânico na TV do canal RedeTv!, reproduzido no YouTube³, por exemplo, aproveitou-se muito disso para aumentar sua audiência: depois de realizar uma reconstituição satirizada do ocorrido, criou um bloco em que os apresentadores deveriam beijar uma das pessoas escolhidas de um grupo, formado por duas mulheres e duas transexuais femininas. A “graça” encontrava-se no fato de não se saber quem seria “mulher de verdade”, e assim dois dos homens teriam que beijar “outro homem”.

Abaixo, segue-se a transcrição de dois trechos do referido Programa.

³ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=tbVp34ni2h0> Acesso dia 10 de outubro de 2008.

Emílio: *Xupla,/ chegou o momento de você escolher/ o público da internet acha/ que a número dois/ eles têm certeza que a número dois é mulher. Carioca,/ você tem certeza que alguma é mulher?/ Olhando seco?//*

Carioca: *A dois.//*

Emílio: *Olha, eu //*

Sabrina: *São duas mulheres, gente.//*

Emílio: *São duas mulheres/ e dois transexuais.//*

Sabrina: *A dois e a quatro,/ na minha opinião./ Dois e quatro. () A dois faz estilo menininha,/ e a quatro/ você vai beijar você.//*

Emílio: *Eu não quero saber de estilo, Japonesa. Eu quero saber quem é mulher / quem é mulher,/ e quem é homem.//*

[...]

Carioca: *Você tá com a três? Dois, vem cá. Vesgo, Vesguinho.//*

Xupla: ()

Carioca: ()

Emílio: *Sobrou, sobrou. [...]*

Vesgo: *Eu não tenho nem chance pra escolher?//*

Emílio: *Não, você vai ter que ficar com a quatro./ Homem é homem.//*

Vesgo: *Então tá bom.// ((faz careta))*

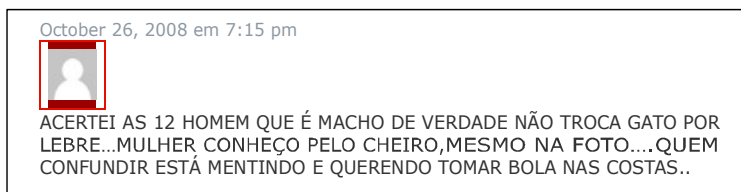
Emílio: *Você vai ficar com a quatro?//*

Vesgo: *Pode trocar?//*

Com um acontecimento semelhante, apresento o blog “Eu Podia Tá Matando”⁴, cujo *post* de sete de maio de 2008 zomba do fato “absurdo” de Ronaldinho não ter percebido que as três prostitutas eram transexuais (na realidade, a intenção delas deveria ser mesmo essa; mas isto é ignorado). É feita uma zombaria, em que fotos de mulheres e de transgêneros - travestis, *drag queens* e transexuais, estes em maioria, são todos chamados de “travestis” - se misturam, e o internauta deverá adivinhar quem é, mais uma vez, “mulher de verdade”.

As duas mídias fazem o mesmo tipo de chacota: põem transexuais femininas e mulheres em grupos diferentes, como se as primeiras nunca tivessem deixado de serem homens. A figura masculina é posta em evidência de forma a expor os indivíduos ao ridículo, para se atingir a “graça” e o riso. No programa de televisão, por exemplo, a alusão ao sexo biológico é posta totalmente às claras, e os apresentadores, além de demonstrarem repulsa através de caretas, se referem às transexuais como ainda sendo homens (“eu quero saber quem é mulher/ quem é mulher,/ e quem é homem”). Para uma pessoa que é insatisfeita com seu sexo biológico, e procura adequar-se ao máximo ao gênero oposto, ser vista como diferente da imagem que quer atingir é humilhante e degradante.

No site, os efeitos da zombaria se refletem nos comentários preconceituosos ali postados:



⁴ <http://eupodiatamatando.com/2008/05/07/mulher-ou-travesti/> Acesso dia 28 de outubro de 2008.

Quando o usuário diz “trocar gato por lebre”, alude à idéia de enganar-se com uma transexual, tida como “mulher falsa”. O apelo ao sexo (“homem que é macho de verdade”) traz embutido o pensamento de que apenas homossexuais seriam capazes de ter algum tipo de interesse por uma transexual feminina, o que não corresponde à realidade: a sexualidade de transexuais é variável, sendo que, muitas vezes, a intenção é obter um corpo feminino a fim de atrair homens heterossexuais (e não homo), pois bem se entende como mulher heterossexual. Novamente, confunde-se gênero e sexualidade, seguindo-se a linha do pensamento ortodoxa macho-masculino-heterossexual.

Não somente parece se estabelecer uma relação de causa e efeito entre transexualidade e homossexualidade, como também transexualidade e prostituição. É vastamente difundido, seja pela mídia ou por mero senso-comum, o fato de que a maioria das transexuais, sem condições de conseguir um emprego devido à discriminação (aqui é bom relembrar o depoimento de Maria, que se sentiu obrigada a largar a posição de engenheira devido a seus traços demasiadamente femininos), acaba por recorrer à prostituição como última opção; mas isto não alude à lógica de que toda transexual assim o é para se prostituir, ou o faz por pura lascívia. Entretanto, não é esta a idéia que percorre a sociedade, haja vista o grande número de sites pornográficos e eróticos exclusivos sobre transexualidade. No início das pesquisas para a realização deste trabalho, por exemplo, utilizei muito a ferramenta de busca internacional Google⁵, cuja página inicial apresenta os dez primeiros resultados de endereços de sites mais acessados. Ao digitar simplesmente a palavra “transexual”, deparei-me com dois *links* para páginas de pornografia. Este deve ser um número considerado alto, visto que apenas outros dois sites possuem informações positivas (não necessariamente de fontes confiáveis), enquanto os outros se reservam a notícias de celebridades ou piadas a respeito do transgênero.

Vê-se, então, que são muitas as distorções sobre a imagem do sujeito transexual: a confusão com o travestismo, o estereótipo da orientação homossexual, a ênfase na permanência do sexo masculino e a idéia da prostituição como desvio sexual. O transgênero, mais especificamente o sujeito transexual, sempre será vítima de riso por não se enquadrar no comportamento “comum e tradicional” de seu sexo biológico; e esta chacota certamente é uma das fontes de insegurança e insatisfação dos indivíduos, que, por fim, acaba se enxergando como alguém não-enquadrado e anormal, como no caso de Maria.

Após estas reflexões, seria de se pensar se a escola estaria realmente cumprindo um papel ativo nas questões de sexo, gênero e sexualidade. Caso estivesse, talvez a compreensão da sociedade perante essa questão de diversidade fosse outra.

A questão do gênero, da sexualidade e do sexo em sala de aula

“Assim como gênero e sexualidade, as relações escolares possuem uma dimensão construída, situada e conflituosa, porque é múltipla, mas não neutra, é relacional, porque baliza valores em constante interação”, afirmam Vianna e Silva (2006). A escola, assim, espaço de interações dialéticas, auxilia na construção de identidades nas mais diversas

⁵ A pesquisa em questão deu-se em <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&pwst=1&q=transexual&start=0&sa=N> Acesso dia 25 de outubro de 2008.

dimensões, o que inclui, certamente, a de gênero e a de sexualidade. Contudo, ela não está nem separada, nem distante dos outros meios sociais aos quais crianças e professores também estão expostos, o que pode dificultar a construção de um discurso diverso do dominante.

A situação recorrente na escola é a reprodução da norma heterossexual e da coerência da estrutura retilínea sexo-gênero-sexualidade. Qualquer sujeito que desvie dessa regra, através da demonstração de um comportamento ou prática fora do esperado para seu sexo anatômico, será inevitavelmente considerado como “anormal” em ambiente escolar. Este tipo de discurso parte não somente dos alunos, em formação, como também de professores e materiais didáticos que vangloriam a estrutura de poder que domina a sociedade - a do homem branco, heterossexual, cristão e de classe-média como referência para todas as outras identidades.

O trecho do livro didático abaixo, retirado de Souza (1999, p.09), reforça muito bem o já mencionado modelo “tradicional”:

Meninos de pré-escola que apresentam comportamento feminino, ou que só gostam de brincar com meninas, devem ser incentivados de maneira muito gentil mas firme a participar das atividades tipicamente masculinas... Os meninos que apresentam trejeitos femininos muito acentuados, além das atitudes tomadas pela escola, devem ser encaminhados para tratamento psicológico.

O grande problema é a desvalorização da diversidade em referência ao estereótipo, a qual vem, se não abertamente como no excerto acima, subentendida em textos e imagens que circulam da mídia e que chegam até alunos e professores. A reafirmação do modelo retilíneo sexo-gênero-sexualidade anula o entendimento e até mesmo o desenvolvimento de identidades.

A questão da transexualidade, em si e em específico, é ainda mais delicada, pois nunca chega a ser discutida e conhecida pelos alunos, ao contrário da homossexualidade, por exemplo, que mesmo que pouco ou mal abordada ainda é posta em pauta. Crises de identidade de gênero que venham a aparecer durante a adolescência, então, podem acabar seguindo o mesmo caminho que o do testemunho de Maria, que acreditou ter, na realidade, um desvio sexual. Identidades de gênero deixam de ser trabalhadas e desenvolvidas, e a escola deixa de cumprir seu papel de “ajudar àqueles que estão crescendo em uma cultura a encontrar uma identidade dentro daquela cultura. Sem isso, eles tropeçam em seus esforços na procura do significado”. (Bruner, 1997, p.47)

Não que a solução seja a discussão da transexualidade, pois ela de nada adiantará se não forem elucidados os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, que permitirão os indivíduos a situarem a si mesmos e aos outros. Talvez Maria tenha razão em acreditar que a discriminação seja inerente à sociedade; mas, sem dúvidas, a educação tem um grande papel a exercer para elucidar as diferenças. O educador pode e deve compactuar com um pensamento mais positivo e tentar trazer à sala de aula conceitos que derrubem os estereótipos e tragam compreensão de uma sociedade menos retilínea e mais real.

Referências Bibliográficas

- BRUNER, J. (1997) Atos de significação. Ed. Artmed, RS.
- CARDOSO, F. L. (2005) “Inversões do Papel de Gênero: ‘drag queens’, travestismo e transexualismo”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18 (3), p. 421-430. Também disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a17v18n3.pdf> (acessado em 05/10/2008).
- LOURO, G. L. “Gênero e Sexualidade - As Múltiplas ‘Verdades’ da Contemporaneidade” (trabalho apresentado em mesa-redonda promovida pelo GRUPALFA - UUF/UNIRIO/UFRJ). Disponível em http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Guacira.pdf (acessado em 18/05/2008).
- SAAEDH, A. (2004) Transtorno de Identidade Sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino (tese apresentada ao Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências). Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-09082005-115642/> (acessado em 10/05/2008)
- SOUZA, J. (1999) Gênero e Sexualidade nas Pedagogias Culturais: implicações para a educação infantil. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/SOUZA.pdf> (acessado em 05/10/2008).
- VIANNA, C. (2008) “Sexualidade, Gênero e Educação: um panorama temático”. *Revista Educação*. Número temático: Gênero e Sexualidade: Mapeando as igualdades e as diferenças entre os sexos e suas relações com a educação. Ed. Segmento, SP.
- VIANNA, C. e SILVA, C. R. (2008) “Contribuições para a Análise da Educação Escolar”. *Revista Educação*. Número temático: Gênero e Sexualidade: Mapeando as igualdades e as diferenças entre os sexos e suas relações com a educação. Ed. Segmento, SP.
- WOODWARD, K. (2000) “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: Silva, T.T. (org.) *Identidade e Diferença - a perspectiva dos Estudos Culturais*. Ed. Vozes, RJ.